DAS NARRATIVAS AS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS DE BARRA DO PARATECA

Rosa Belém Farias
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3824-2032
Endereço eletrônico: belemcnn@hotmail.com

Palavras-Chaves: Decolonialidade; Escrevivências; memórias; narrativas das mulheres negras.

INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta os desdobramentos das incursões realizadas com as atividades da pesquisa de doutorado, que tem como tema: Descolonizando a história local de Carinhanha-BA: Ditos e não ditos sobre a mulheres negras quilombolas. A pesquisa com as narrativas das mulheres negras quilombolas, tem como objetivo compreender como as narrativas das mulheres negras quilombolas são representadas na literatura local contemporânea e como essas são produzidas e reproduzidas para o imaginário social, apontando como a mulher negra quilombola faz o reconhecimento de si, na consolidação dos saberes para a preservação da memória cultural.

Desse modo, a conversa teórica encontra elos com a escrevivências, categoria que aciona o protagonismo da mulher negra como política da representação (Evaristo, 2020) e a inclusão de conceitos como colonialidade (Hall, 2005), interseccionalidade de gênero/raça (Collins, 2021), feminismos (hooks,2020), destes intelectuais que serviram de faróis para as leituras crítica desses *corpus*/narrativas. Assim nas conjecturas, inclino-me a contar ainda que sumariamente a história de vida das corresponsáveis dessa pesquisa, os giros são com as mulheres negras quilombolas, colaboradoras e razão da escrita deste trabalho. Explicito um breve resumo, não aprofundado, sobre os modos de ser mulher, sonhos interditados, saberes, marcas de maneira particulares de cada uma e como esses *corpus* enxergam o mundo, as pessoas, os cotidianos vividos e os das possibilidades. São as falas subalternas, que muitas

vezes do limbo quebram paradigmas, corroborando e conforme expressado em uma de suas falas, quando argumenta sobre os fazedores/as da história daquele lugar, assim exaltam que "os mourões das comunidades quilombolas ficaram por muitos anos, esquecidos na história". Ao revelar a negação e esquecimento de um povo, as entrevistadas, confirmam a tentativa de hegemonia e manipulação ao campo do poder discursivo, no entanto, apesar das agruras, percebe-se a contra ação empreitada nos escombros dos territórios, vemos que elas têm aberto brechas para dialogar com as "[...] experiências vivenciadas pelos grupos populares e que foram, historicamente, negadas, desqualificadas ou ideologicamente compreendidas" (Marcon, 2005, p. 7).

As práticas socioculturais e os modos de preservar a identidade cultural observadas durante esta pesquisa, evidenciaram um emaranhado de afazeres peculiares, decorrentes da fluidez comunitária. As mulheres idosas por exemplo, tem ritmos bastantes parecidos no modo como integram e entregam as atividades; carregam os hábitos da oralidade como forma de transmissão dos saberes, são elas, as responsáveis pela permanência dos festejos e demais produtos da cultural ancestral. Inserem nos rituais de cura os elementos naturais como chás, unguentos, plantas medicinais e os "causos". Prestigiam as tradições culturais como inerente ao território, valorizando cada canto da comunidade. Já nas atividades de subsistências, está presente os quintais produtivos, cultivo agrícola e criação de animais que se entrecruzam com as técnicas ancestrais, ou seja, histórias que se repetem e recursivamente são intercaladas nas presentes gerações. A conservação do pensamento coletivo atravessa as idades, e por vezes as mulheres mais jovens, buscam autonomia, mas sempre em conexão ancestral. Sendo assim, as mais jovens se reconhecem autonomamente, porém conseguem dentro dessas novas roupagens culturais, se reconhecem nas linhagens das que vieram antes. Sabem da importância dos construtos de outras mulheres, tem lutado para que perturbações vividas não se reincidam entre elas. Comportamentos que compreendo como subversão, apesar da existência de padrões fortemente imbricados na dinâmica social, como racismo e a desigualdade de gênero, onde estes conduzem as configurações sociais, as mulheres, recursivamente, não diriam que romperam, mas desestabilizam um sistema hierárquico nas comunidades quilombolas. Quando Gonzales, argumenta que o racismo é suficientemente sofisticado para manter grupos subordinados nas condições de exploração, mas por outro lado, toda esta condição de exploração e discriminação é percebida e tornou-se "os elementos

básicos da luta" e apesar da experiência da escravidão, vividas indistintamente entre homens, mulheres, crianças adultos ou velhos, é ainda por dentro da escravidão que se constituem e desenvolvem as formas "políticos-culturais de resistências". Desse modo, a colonização apresentou a humanidade conceitos que originou a ideia de superioridade e inferioridade.

Tomar consciência da humanidade, repugnando todas as caricaturas atribuídas, inclusive na contemporaneidade, reconfigura para as mulheres negras novas oportunidades seja na inserção acadêmica, seja em nossos próprios territórios, assim como tem feito os quilombolas de Barra da Parateca. Portanto, a luz destas etapas, e conforme os objetivos, pretende-se com as futuras itinerâncias, costurar narrativas potentes e entregar aos leitores, aos espaços formais e não formais relevantes contribuições protagonizadas pelas mulheres negras quilombolas. Práticas, saberes negociados entre os ditos e não ditos, silenciados pelos documentos da memória cultural local, mas sentido, vivido em seus cotidianos.

METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos são guiados pelo processo etnográfico, constituído de uma abordagem e perspectiva decolonial, na Comunidade de Barra da Parateca, município de Carinhanha-Bahia. Além disso, interessa-me estabelecer conexões críticas que apontem como estas mulheres subvertem a lógica e criam estratégias comprometendo-se com linguagens disruptiva capazes de mobilizar existências criativas dentro e fora dos seus territórios. Com algumas *capturas* das análises de fontes orais, documentais, observações, acervo da comunidade a saber: livros, registros memorialistas, fotografias. Assim, a concentração e análise, tiveram como recurso as narrativas, obtidas por meio de entrevistas, conversas informais, bem como fontes as quais já mencionadas anteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observa-se através das conversas formais e informais a comprovação do engajamento, onde as mulheres estão a frente e no comandando de várias atividades organizacionais. As comunidades resguardam a figura das mulheres como uma espécie de cinturão protetivo das tradições ancestrais e mantenedora dos modos peculiares de ser quilombola. No limiar do território de tradição ancestral, as mulheres enfrentam dificuldades em manter a cultura viva entre os mais jovens, e embora haja uma forte motivação e vontade para ensinar, a mesma

cadência não ocorre entre os mais jovens para aprender. O que também não se pode confirmar que os mais jovens não sentem o pertencimento aos modos ancestrais, aos símbolos, valores e costumes consumidos individual ou compartilhados. Na fala de uma das entrevistadas "muitos novatos, acham inofensivo o esvaziamento da cultura, mas eles têm que entender que se a gente interromper, não fica nada para contar". O que de fato ocorre e já percebido por alguns estudiosos é o fantasma de uma diáspora forçada e uma recepção hostil aos aparatos culturais, intelectuais, filosóficos, científicos da negritude, que por sua vez, resistem numa experiência de correlação de forças.

Porém a história contada por elas, amplia os horizontes trazendo a tona relevantes feitos e contínuas inserções das mulheres em ações para a sobrevivência do próprio território. As experiências comunitárias, expunham as agruras para manter sua territorialidade, como as memórias, religiosidade, práticas culturais, suas tecnologias na produção do trabalho e do conhecimento, os repertórios orais e tudo aquilo que conformam e são imprescindíveis para manterem vivos em comunidade. A saga pela titulação das terras, não diz somente sobre possuir, mas também reflete sobre a constituição dessa identidade quilombola. A priori parecem pequenas, mas somada as demais brevemente serão "capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação". Para Nascimento (1980, p. 120) "[...] os homens e as mulheres da África e de descendência africana têm tido uma coisa em comum – uma experiência de discriminação e humilhação imposta sobre eles por causa de sua origem africana". Contudo, as mulheres demarcam espaços e sinalizam que, mesmo estando dentro de um projeto de aniquilação da sua raça e todos os atributos advindos dela, encontram nas (des)dobras da resistência sabedorias populares opondo-se a este sistema racista, dentro das suas possibilidades.

O candomblé é também onde as mulheres tem forjado suas identidades, enquanto mulher, mãe de santo, candomblecistas, umbandistas, quilombolas e despertado em potencial relevância, a identidade cultural. São conscientes de que a identidade não é biologicamente construída, mas sim, historicamente, coexistindo de múltiplas maneiras. Visto por este ângulo, a identidades ou identidades, e conforme explicita Hall (2005, p.13), o sujeito ao assumir "diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas". Desse modo a

identidade não é um conjunto de atributos fixos, portanto, está em constante mudanças. Um torna-se que nunca se completa, portanto, um processo de identificações mutáveis, interseccionalmente atravessadas por inúmeros fatores, ou seja, os quais implicarão na simultaneidade dessa construção identitária, "Mulher negra, da roça, do quilombo, quilombola, militante, baiana, descreve uma das mulheres quilombolas", que conforme Collins (2000, p.189), essa interseccionalidade, "valoriza a riqueza das múltiplas identidades que tornam cada indivíduo único". E para as mulheres quilombolas, essas identidades, é forjada no interior das relações, onde foram sujeitadas a articular e disputar narrativas e espaços. Entretanto, fatos nitidamente excludentes para com a comunidade não interrompeu as lutas, pelo contrário, apontou os holofotes, questões, merecedoras de atenção e engajamento, como: a organização institucional da comunidade, com a criação de Associações; e o reconhecimento da comunidade enquanto quilombola. Elas protagonizam com o território saindo do eixo da "normalidade".

Elas driblam o cenário, e nos limbos da memória encontram suas performances de resistência contrapondo as violências, defendem os territórios, infiltram clandestinamente nas articulações confeccionando os mapas que guiam a ocupação de terras e anteparo contra invasões simbólicas e reais. Estão à frente dos comandos e mediações de conflitos como nas trincheiras e mira dos latifundiários, nos experimentos de receitas dando novos sabores aos alimentos, no confeccionamento da arte, enfim, por todos os espaços. Mas, os documentos oficiais não acompanharam suas narrativas, seus testemunhos, na mesma dinamicidade da desenvoltura do seu papel na comunidade. Insuficientes são os vestígios escritos que comprovem sua participação, ainda que nitidamente há profundos rastros da sua incontestável presença.

CONCLUSÕES

A grande intencionalidade deste trabalho consistiu e foi moldada pelas teias produtivas das artes de fazer das mulheres negras quilombolas de Barra da Parateca. Embora, limitamos para este trabalho, a escuta de algumas mulheres, mas já convicta das redes interativas desenvolvidas neste território, assumo a dizer que as falas são muito representativas, onde estão intrínsecas as vivencias de múltiplas e singulares mulheres. Suas experiências oferecem linhas de fuga e driblam a palavra inventada, a qual cingiu histórias não muito

apropriadas para as mulheres. São feitoras, tantas que nunca ouviram falar sobre feminismos, mas que com o seu engajamento emitem colaborações fundamentais para o fortalecimento das redes que há séculos, desde Truth ou antes dela, mulheres negras têm pleiteado. Seja no púlpito, nos terreiros de umbanda, nas hortas comunitárias, na produção de ovos, em Associações, elas, se destacam na produção de narrativas as quais envolvem um arcabouço fundamental de inventividades, as quais tem reverberado em epistemologias descolonizantes ou como defende Bispo contracolonizadoras. Assim, mapeou-se neste percurso as insurgências experenciadas por estas mulheres, sua força e alcance político que a despeito das trincheiras da opressão vem ultrapassando barreiras.

REFERÊNCIAS

BISPO, dos S. A. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

COLLINS, P. H. **Interseccionalidade: tradução Rane Souza.** São Paulo: Boitempo, 2021.

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: as artes do fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GONZALES, L. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flávia Rios; Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, S. **Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005

MARCON, T. **Cultura popular e memória: desafios e potencialidades pedagógicas.** In: Reunião nacional da ANPED, 28ª, 2005, Caxambu, MG. Anais eletrônicos. Caxambu: ANPED, 2005.

NASCIMENTO, A do. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

TRUTH, S. **E eu não sou uma mulher?: a narrativa de Sojourner Truth/ contada a Olive Gilbert** [tradução Carla Cardoso, Julio Silveira] – Rio de Janeiro; Livros de Criação: Ímã editorial: Coleção Meia Azul 2020, 218 p;21 cm.